



1. A identificação do remanescente no tempo do fim a partir de Apocalipse 10 em conexão com Daniel 12: um estudo teológico introdutório e comparativo

The identification of the end-time remnant from Revelation 10 in connection with Daniel 12: An introductory and comparative theological study

Carlos Flavio Teixeira

Faculdade Adventista da Amazônia
Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
carlosflavioteixeira@gmail.com

Gabriel Pilon Galvani

Editora Norte Teológico
Faculdade Adventista da Amazônia
gabrielp_galvani@hotmail.com

Recibido: 22 de enero de 2023

Aceptado: 20 de abril de 2023

Resumo

O presente artigo, de natureza teológica, introdutória e comparativa, constitui-se de uma recapitulação panorâmica dos elementos teológicos que aparecem em Apocalipse 10 e sua conexão com Daniel 12, sinalizando sua importância para identificação da identidade e missão do remanescente no tempo do fim. Ao que parece, essa combinação intertextual tem sido pouco explorada nas propostas mais recentes de investigação teológica sobre o tema. Nesse contexto, afigura-se interessante lembrar quais são os pontos elementares que compõem ambos os capítulos, com o fim de observar que eles se conectam, como isso é feito, e quais as implicações disso na concepção de uma teologia bíblico-sistemática do remanescente. Tal proposta busca, ainda, destacar quem é esse remanescente possível de ser identificado a partir de tal conexão, exercendo ela um papel hermenêutico relevante desde os primórdios da IASD. Para tanto, será empregado o método de abordagem



gramatico-histórico-canônico de interpretação bíblica – observando-se os princípios *sola, tota, prima Scriptura* – e usando-se como método de pesquisa o levantamento bibliográfico. Como roteiro, este estudo inicialmente destacará os principais conceitos teológicos identificáveis no capítulo 10 de Apocalipse – as características do agente revelador, a forma/fórmula da revelação, os destinatários da revelação, o conteúdo específico revelado (selado/desselado), os componentes de tempo relacionados à revelação, o propósito peculiar da revelação e os efeitos da revelação. Em seguida, se verificará a ocorrência e conexão de alguns desses mesmos elementos, embora embrionários, em Daniel 12. Finalmente, depois de contextualmente observados, os componentes teológicos são comparados, evidenciando-se a relevância de sua compreensão conjunta e a resultante identificação teológica da IASD como cumprimento dos indicativos de identidade e missão proféticas do remanescente no tempo do fim.

Palavras-chave

Daniel 12 – Apocalipse 10 – Principais elementos teológicos – Conexões proféticas – Remanescente

Abstract

The present article, of a theological, introductory and comparative nature, consists of a panoramic recapitulation of the theological elements that appear in Revelation 10 and its connection with Daniel 12, signaling its importance for identifying the identity and mission of the remnant in the time of the end. Apparently, this intertextual combination has been little explored in the most recent proposals for theological research on the subject. In this context, it seems interesting to remember what are the elementary points that make up both chapters, in order to observe that they are connected, how this is done, and what are the implications of this in the conception of a biblical-systematic theology of the remnant. This proposal also seeks to highlight who is this remnant that can be identified from such a connection, exercising a relevant hermeneutical role since the beginnings of the SDA. To do so, the grammatical-historical-canonical method of biblical interpretation will be used—observing the *sola, tota* and *prima Scriptura* principles—and using bibliographical research as a research method. As a guide, this study will initially highlight the main theological concepts identifiable in Revelation chapter 10—the characteristics of the revelatory agent, the form/formula of revelation, the recipients of revelation, the specific content revealed (sealed/unsealed), the time components relating to the revelation, the peculiar purpose of the revelation, and the effects of the revelation. Then, the occurrence and connection of some of these same elements, albeit embryonic, in Daniel 12 will be verified. Finally, after being contextually observed, the theological components are compared, evidencing the relevance of their joint understanding and the resulting theological identification of the SDA as fulfillment of the prophetic identity and mission of the end-time remnant.

Keywords

Daniel 12 – Revelation 10 – Main theological elements – Prophetic connections – Remnant

1. Introdução

Desde seus primórdios, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem obtido a compreensão de si mesma – como movimento – e de sua missão, com base no entendimento dos componentes proféticos contidos nas Escrituras, em especial, aqueles registrados em Daniel e Apocalipse. É sabido que, embora tenham sido revelados por Deus aos seus servos há muito, os conteúdos de ambos os livros transcendiam em importância e aplicabilidade os dias de Daniel e de João, tendo como foco o povo de Deus que haveria de experienciar as últimas cenas do grande conflito neste planeta.

Tanto em Daniel como no Apocalipse encontram-se narradas simbolicamente, com riqueza de detalhes, uma série de eventos históricos que partem dos dias de ambos os profetas. Embora tendo diferentes pontos de partida, esses dois conjuntos de profecias desvelam aos estudantes das Escrituras as ações de Deus ao longo da história humana, mostrando, assim, como Ele a tem conduzido tendo em vista o plano da redenção. Tais informações também servem ao propósito de confortar o povo de Deus com a certeza de que o Altíssimo manterá o controle sobre os eventos mundiais até o fim, sinalizando, nesse processo, o papel que seus servos têm a desempenhar sob sua orientação.

Além de convergirem quanto ao foco profético, os livros de Daniel e Apocalipse também interagem e se complementam, tornando indispensável que sejam estudados em conjunto. E esse tem sido o caminho seguido pelos adventistas do sétimo dia desde o início de sua trajetória como movimento profético. Das várias conexões entre esses dois livros, a existente entre o capítulo 10 de Apocalipse e o capítulo 12 de Daniel guarda um significado especial para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, pois a partir dela o remanescente do tempo do fim pode ser mais claramente identificado, e sua missão, delineada. Tendo em vista tal importância, figura como relevante a realização de uma recapitulação panorâmica dos elementos teológicos comuns a esses dois capítulos, a fim de que seja

evidenciada sua conexão textual, bem como as implicações teológicas que dela decorrem para a autocompreensão do movimento adventista.

A análise se iniciará com a exposição dos marcadores textuais que orientam o conteúdo de Apocalipse 10. Em seguida, o foco recairá sobre alguns dos principais elementos teológicos da perícopie, a saber: (1) as características do agente revelador; (2) os destinatários da revelação; (3) a forma/fórmula da revelação; (4) o conteúdo específico revelado (selado/desselado); (5) os componentes de tempo relacionados à revelação; e (6) o propósito peculiar revelação. Conforme for pertinente, as conexões existentes com o capítulo 12 do livro de Daniel serão evidenciadas e brevemente discutidas. Tendo em vista fins didáticos, elaborou-se também uma tabela para a exposição de tais ligações.

O trabalho terminará tratando da identificação do remanescente no tempo do fim possível de ser inferida do estudo feito. Nessa seção, será também apresentada a visão de Ellen G. White quanto a alguns dos vários elementos discutidos ao longo de toda a análise, destacando-se que sua compreensão reafirma as inferências bíblicamente apresentadas.

2. Apocalipse 10 – Os principais elementos teológicos

O conteúdo do capítulo 10 de Apocalipse está inserido numa estrutura textual muito peculiar, a qual precisa ser atenciosamente considerada com vistas a sua correta interpretação. Esse conteúdo, que tematicamente vai de 10,1 a 11,2, está inserido em outros níveis de contexto que precisam ser considerados. Para isso, dois sinalizadores são importantes: o toque das “trombetas” (σάλπιγγίς)¹ e os “ais” (οὐαί) relacionados às três últimas trombetas. O fato de só haver “ais” relacionados aos últimos três toques de trombeta parece sugerir uma intensificação do juízo divino parcial (ou de advertência) já sinalizado no contexto dos quatro primeiros, onde aparece elementos como “saraiva e fogo de mistura com sangue” no

¹ Todos os usos linguísticos do grego foram baseados na obra *O Novo Testamento grego: Com introdução em português e dicionário grego-português*, 4.ª ed. revisada (São Paulo, BR: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008), exceto quando indicado o contrário.

primeiro (Ap 8,2), chamas-sangue-morte no segundo (Ap 8,8-9), “tocha” de fogo e morte no terceiro (Ap 8,10-11), e trevas durante o dia e a noite no quarto (Ap 8,12).

Portanto, para entender Apocalipse 10, é importante observar que essa mensagem está situada no que pode ser chamado de “interlúdio profético”. Esse é um intervalo específico – com predição de ocorrência de eventos – situado entre a sexta e a sétima trombetas. Digno de nota é o fato de que, cada toque de trombetas, pelos anjos (ἄγγελος), são feitos em sequência ininterrupta desde a primeira (Ap 8,2) até a sexta (Ap 9,21). Contudo, nesse ponto da narrativa há uma interrupção – notadamente proposital – com um claro intervalo (Ap 10,1-11,14), depois do qual a sétima trombeta é finalmente tocada (Ap 11,15). A importância desse interlúdio fica implícita no fato de que a última trombeta só é tocada após a ocorrência dos eventos nele descritos.

Ademais de notar que o capítulo 10 está situado no referido interlúdio profético, é necessário ter em mente que esse conteúdo, além de ser parte da profecia das sete trombetas (Ap 8,2 a 11,19), está sinalizado mais especificamente como ocorrendo em sua etapa final. São mencionados três “ais” (Ap 8,13), que aparecem sequencialmente relacionados às três últimas trombetas. Com esse foco, o capítulo 10 aparece depois do “primeiro ai” (Ap 9,12a) e antes do terceiro “ai” (Ap 11,14b). Isso indica que os eventos preditos na mensagem do capítulo 10 fazem parte do contexto histórico e teológico do segundo “ai” (Ap 9:12b a 11,14a). O “ai” profético é uma expressão de horror por um juízo iminente vindo de Deus. Essa partícula aparece 59 vezes no Antigo Testamento² e 47 no Novo Testamento,³ praticamente todas as ocorrências com o mesmo sentido.

² Exemplos de uso no AT (Nm 21,29; 1 Re 4,7; 4,8; 13,30; Pv 23,29; Os 7,13; 9,12; Is 1,4.11.24; 3,9; 5,8.11.18.20.21.22; 10,1.5; 17,12; 18,1; 24,16; 28,1; 29,1.15; 30,1; 31,1; 33,1; Jr 4,13; 6,4; 10,19; 13,27; 27,27; 31,1; Lm 5,16; Ez 13,3.18; Am 5,18; 6,1; Hc 2,6.12.19; Sf 2,5).

³ Exemplos de uso no NT (Mt 11,21; 18,7; 23,13.14.15.16.23.25.27.29; 24,19; 26,24; Mc 13,17; 14,21; Lc 6,24.25.26; 10,13; 11,42.43.44.46.47.52; 17,1; 21,23; 22,22; 1 Co 9,16; Jd 11; Ap 8,13; 9,12; 11,14; 12,12; 18,10.16.19).

Outro detalhe que pode ser observado reafirma a relação estrita entre as três últimas trombetas e os três “ais” que elas representam, ao apresentá-las mediante visões/cenas distintas. Nota-se que, logo em seguida ao anúncio da águia (ἄετός) quanto aos três “ais” que viriam, ao que parece João faz menção a quatro visões/cenas. Primeiro, diz ele, “o quinto anjo tocou a trombeta, e vi [ὄραω]” (Ap 9,1); assim como também ouviu algo do que “foi-lhes dito [εἶπον – *eipon*]” (Ap 9,3), pois passa a descrever detalhes do que foi visto e ouvido. E ao final da descrição afirma que “o primeiro ai passou” (Ap 9,12a). Tem-se aí o toque da quinta trombeta, a visão que a detalha, e a declaração de que sua ocorrência cumpre o primeiro “ai”.

Em seguida, afirma João que “o sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi [ἀκούω]” (Ap 9,13), mencionando que “assim, nesta visão, contemplei [ὄραω]” (Ap 9,17). Este ponto é interessante, porque era de se esperar uma declaração sobre o segundo “ai” aparecesse imediatamente, mas ela não é dada. Na sequência, mais uma visão/cena é inserida no relato. É dito que “vi [εἶδον]” (Ap 10,1) e “ouvi [ἀκούω]” (Ap 10,8). Logo João ouve quatro ordens: “vai e toma o livro” (Ap 10,8b); “toma o livro e devora-o” (Ap 10,9b); “ainda profetizes” (Ap 10,11a); e “dispõe-te e mede... e não o meças” (Ap 11,1b.2a). Em seguida são dados detalhes sobre o “porque [ὅτι]” as ordens eram necessárias. Somente depois disso é declarado que “passou o segundo ai” (Ap 11,14a). Tem-se, nessa sequência, o toque da sexta trombeta, a explicação que a detalha, uma outra visão adicional ainda mais detalhada, e só então a declaração de que tais ocorrências cumprem o segundo “ai”.

Por fim, é informado que “o sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu [οὐρανός] grandes vozes [φωνή], dizendo [λέγω]...” (Ap 11,15). O profeta vê e ouve as cenas relacionadas a esse glorioso evento. Nessa descrição não é dito expressamente que o terceiro “ai” passou, mas isso fica entendido por duas evidências textuais. Primeiro, porque é dito que “eis que, sem demora [ταχύ – rapidamente], vem o terceiro ai” (Ap 11,14b); e imediatamente, em seguida, é dito que que “o reino do mundo se tornou [γίνομαι] de nosso Senhor”, deixando assim conectados, de forma inseparável, o terceiro ai com a *parousia*. Segundo, pelo fato de que essa vinda seria acompanhada do juízo de Deus, pois é dito que “chegou,

porém, a tua ira [ὄργη – indignação, punição]” (Ap 11,18a). Esse juízo é anunciado, inclusive, como tendo duplo caráter: vindicativo – “para se dar o galardão [μισθός – recompensa]... aos que temem o seu nome” (Ap 11,18b) – e retributivo – “para destruíres [διαφθείρω – destruir de forma completa, irreparável] os que destroem a terra” (Ap 11,18c). Tem-se aí o toque da sétima trombeta, a visão que a detalha, e a indicação implícita de que sua ocorrência implica no cumprimento do terceiro “ai”.

Uma perspectiva estrutural da inserção do capítulo 10, baseado nas constatações anteriores, permite visualizar a seguinte contextualização de seu conteúdo.

Textos	(A)	Anjo	(B)	Trombeta	(C)	Visão/Cena	(D)	“Ais”
Ap 8,13	(A)	“dos três anjos”	(B)	“restantes vozes da trombeta”	(C)	“vi e ouvi” (v. 13)	(D)	“Ai! Ai! Ai dos que moram na terra”
Ap 9,1.12	(1)	“o quinto anjo”	(B1)	“tocou a trombeta”	(C1)	“e vi” (v. 1) “foi-lhes dito” (v.4)	(1)	“o primeiro ai passou... vêm ainda dois ais”

Textos	(A)	Anjo	(B)	Trombeta	(C)	Visão/Cena	(D)	"Ais"
Ap 9,13 a 11,14	(2)	"o sexto anjo"	(B2)	"tocou a trombeta"	(C2a)	"e ouvi" (v. 1) "assim, nesta visão, contemplei" (v. 17)	(2)	"passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai"
					(C2b) caps. 10-11	"vi" (v. 1)		
						"ouvi uma voz do céu" (v. 4)		
						"vi" (v. 5)		
						"a voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo de dizendo" - "vai e toma" (v. 8) - "toma-o e devora-o" (v. 9) - "ainda profetizes" (v. 11) - "dispõe-te e mede" (11,1-2a)		
	- "porque" (11,2b-13)							

Textos	(A)	Anjo	(B)	Trombeta	(C)	Visão/Cena	(D)	"Ais"
Ap 11,15.18	(3)	"o sétimo anjo"	(B3)	"tocou a trombeta"	(C3)	"e houve no céu grandes vozes"	(D3)	"o reino do mundo se tornou de nosso Senhor" "chegou, porém a tua ira" - "galardão aos teus servos" - "destruíres os que destroem"

Conforme se nota no esboço acima, ao que parece o conteúdo do capítulo 10 abarca a descrição de duas cenas, cada uma incluindo algo que João vê seguido por algo que ele ouve. Na primeira cena, descrita nos versos 1 ao 4, é apresentado um ser celestial chamado de "anjo forte" com um livro em mãos (vv. 1-2); em seguida, esse ser brada em grande voz – sendo seguido por outras vozes (v.3), e ainda uma outra "voz do céu" que dá a ordem para que seja guardado em segredo o que fora dito (v.4). Na segunda cena, detalhada nos versos 5 em diante, a mesma sequência se repete. O mesmo ser celestial é visto (v.5) dizendo e realizando algo solene (v.6-7), mas desta vez nenhum segredo é ordenado. Ao contrário, quatro ordens são dadas (vv.8,9,11; e 11,1-2), indicando que o que fora dito deve ter desdobramentos ilimitados ante os "muitos povos, nações, línguas e reis" (Ap 10,11). Nessa cena, a primeira ordem é dada pela voz "vinda do céu" (v.8a *cf.* 4a); a segunda pela própria voz do anjo forte (v.9b *cf.* 10a); seguindo-se então duas outras ordens, por sua vez proferidas em conjunto por ambos (v.11a e 11,1a).

Considerando-se o viés histórico e teológico da profecia, os marcadores textuais mencionados acima servem também de marcadores de tempo determinantes para compreensão dos eventos preditos em Apocalipse 10, conforme se notará adiante.

2.1. As características do agente revelador

Na visão do capítulo 10, as duas cenas têm como personagem central o mesmo agente revelador. No verso 1, é identificado como “anjo forte” (ἄγγελον ἰσχυρὸν), e no verso 5, como “o anjo” (ἄγγελος). Anjo forte aparece três vezes no livro (5,2; 10,1; 18,21), podendo indicar um ser angélico de alta patente ou mesmo o próprio Deus. O contexto definirá quem está sendo descrito. No caso em estudo, as características desse ser celestial são determinantes para sua identificação à luz da própria Bíblia. Ele é descrito em cinco vislumbres a partir de sua observação em diferentes direções: (1) ao seu redor, “envolto em nuvem”; (2) acima, “com o arco-íris por cima de sua cabeça”; (3) irradiando de si, “o rosto era como sol”; (4) por baixo, “as pernas como colunas de fogo”; e (5) no meio/em frente, “tinha na mão um livrinho aberto”.

Esses detalhes permitem identificar esse ser celestial como sendo o próprio Jesus Cristo glorificado, haja vista que segundo a própria Bíblia: (1) as aparições do Cristo glorificado, em distintas atividades e inclusive descendo do céu, são descritas como ocorrendo entre nuvens (Mt 17,5; 24,30; 26,64; Mc 9,7; 13,26; 14,62; Lc 9,34; 21,27; At 1,9; 1 Ts 4,17; Ap 1,7; 14,14-16),⁴ o que sugere a simbologia dos anjos que o cercam e o acompanham (Ez 1,5); (2) o arco-íris (no AT תִּשְׁבֵּץ; no NT ἵρις), o sinal de reafirmação da aliança eterna no contexto pós-diluviano (Gn 9,13.14.16), também indica a divindade desse anjo forte ao descrevê-lo como portador da glória de Deus (Ez 1,28) por sua vez caracterizada à luz do próprio trono de Deus (Ap 4,3); (3) o rosto brilhando como sol (ἥλιος) indica se tratar da mesma pessoa descrita na seção introdutória do livro (Ap 1,16), a qual, por sua vez, identifica-se a si mesma ao declarar ser “aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo” (Ap 1,18); (4) as pernas/pés (πούς) com aparência de chama de fogo (πυρός) é mais um indicativo de ser Cristo em sua forma majestosa, conforme antes já apresentado (Ap 1,15; 2,18); e, por fim, (5) é dado destaque para algo que ele tem na mão (χείρ), possivelmente a esquerda (já que a direita será

⁴ As aparições de Cristo nas visões aos profetas do Antigo Testamento também aparecem relacionadas à nuvens (Sl 104,3; Dn 7,13).

usada em seguida, Ap 10,5), sendo importante lembrar que desde a visão introdutória Cristo é apresentado como aquele que tem algo na mão direita (Ap 1,16). Ele é apresentado ainda, ao longo do livro, como tendo na mão: uma balança (Ap 6,5), o incensário (Ap 8,4), uma foice afiada (Ap 14,14), e a chave do abismo (Ap 20,1).

Portanto, as evidências textuais permitem identificar o “anjo forte” como sendo o próprio Jesus Cristo, glorificado, aparecendo pessoalmente a João a fim de lhe relevar algo de tal importância a ponto de Ele próprio vir apresentar o conteúdo da visão. Essa descrição mantém correspondência similar à descrição do ser celestial que trouxe revelação adicional a Daniel, conforme aparece na seção final de seu livro.⁵ Esse ser é ali identificado como “o homem vestido de linho” (Dn 12,7a). Suas características, semelhantes às descritas em Apocalipse 1, incluem: “ombros cingidos de ouro puro”, “corpo como berilo”, “rosto como relâmpago”, “olhos como tocha de fogo”, “braços e pés como bronze polido”, “voz como estrondo de muita gente” (Dn 10,5-6). A repetição reiterada do fulgor da glória de Deus, nos elementos visuais (ouro, berilo, relâmpago, fogo, bronze) e audíveis (estrondo) ali descritos não deixam margem para dúvida razoável. O “homem vestido de linho” (Dn 12,7a), assim como o “anjo forte” (Ap 10,1a.5a), são, respectivamente, o Cristo pré e pós encarnado, mas em ambos os casos revestido da glória de Deus.

2.2. Os destinatários da revelação

Desde o início do livro de Apocalipse fica claro quem são os destinatários primários de sua mensagem. Ali é dito que o conteúdo revelado é destinado “aos servos” (δούλος) de Deus (Ap 1,1). Aqueles que se reconhecem como propriedade de Deus e se submetem a Seu senhorio com o firme e

⁵ A conexão intra-bíblica entre os conteúdos de Daniel e Apocalipse, bem como a importância de um para compreensão do outro, pode ser notada nas alusões que o segundo faz do primeiro, estabelecendo assim sua dependência daquele. Como bem lembra Richard Lehmann: “embora certos livros da Bíblia sejam usados mais do que outros em Apocalipse, há uma ausência total de citações formais. Mais da metade das referências são extraídas dos Salmos, das profecias de Isaías, Ezequiel e do livro de Daniel. Entretanto, [...] proporcionalmente à sua extensão, o livro de Daniel é de longe o mais usado” (“Relações entre Daniel e Apocalipse,” em *Estudos sobre Apocalipse: temas introdutórios*, ed. Frank B. Holbrook [Engenheiro Coelho, BR: Unaspress, 2017], 163).

perseverante propósito de servi-Lo, ainda que isso lhes custe perseguição, exílio, expropriação e mesmo a morte (Ap 6,9; 15,3; 19,2.5; 22,3.6). João é o protótipo profético desses fiéis que representam o reino de Deus em todas as eras, por isso está exilado “por causa da Palavra de Deus [λόγον τοῦ θεοῦ] e do testemunho de Jesus [καὶ τὴν μαρτυρίαν Ἰησοῦ]” (Ap 1,9c).

Entretanto, numa observação cuidadosa do conteúdo da visão descrita em Apocalipse 10, nota-se que a mensagem ali revelada primariamente a João como representante desses servos fiéis tem uma destinação secundária que extrapola os limites do povo de Deus. Isso fica evidente na postura e na forma de expressão do anjo forte.⁶ Em seu posicionamento para entregar a mensagem, ele “pôs o pé direito sobre o mar [θαλάσσης] e o esquerdo, sobre a terra [γῆς]” (Ap 10,2), mostrando abrangência de uma grande extensão territorial em sua totalidade na direção horizontal. Da mesma forma, ao se expressar, ele o faz de maneira que “bradou em grande voz [φωνῆ]” (Ap 10,3a), à qual se juntaram imediatamente vozes de “trovões [βρονταὶ]” (Ap 10,3b) e ainda uma outra “voz do céu” (Ap 10,4a), sinalizando a dinâmica da extensão vertical do que seria dito (ver Êx 20,4.11; Sl 69,34). Ou seja, a revelação é dada no contexto (vertical) da interação dinâmica entre o que acontece no santuário do céu (cf. Ap 8,2-6, como visão introdutória às sete trombetas) e seus desdobramentos para o povo de Deus na terra. Além disso, está destinada primariamente ao povo de Deus, mas por meio dele deve ter alcance/impacto (horizontal) ante “muitos [πολλοῖς] povos [λαοῖς], nações [ἔθνησιν], línguas [γλώσσαις] e reis [βασιλεῦσιν]” (Ap 10,11).

Essa interação dinâmica (vertical) e vasto alcance (horizontal) da mensagem profética dada a João (Ap 10) encontra seu correspondente prévio similar em Daniel (cap. 12). De forma mais pontual, é dito duas vezes que “o homem vestido de linho” se posicionou “sobre as águas do rio” (Dn 12,6a.7a), enquanto os outros dois “santos” estavam

⁶ A dimensão horizontal e vertical da revelação feita pelo anjo forte a João encontra seu correspondente na mesma combinação presente no livro de Daniel. Essa é mais uma evidência da perspectiva profética historicista de continuidade que une os dois livros. Para um estudo sobre o tema, ver Arthur J. Ferch, “Autoria, teologia e propósito de Daniel: teologia e propósito,” em *Estudos sobre Daniel: origem, unidade e relevância profética*, ed. Frank B. Holbrook (Engenheiro Coelho, BR: Unaspress, 2009), 45-48.

posicionados possivelmente sobre a terra, “um, de um lado do rio, o outro, do outro lado” (Dn 12,5). De forma mais ampla, desde a primeira menção específica quanto ao ataque (vertical) do chifre pequeno ao santuário do céu (Dn 8,9-14), com desdobramentos (horizontais) para o povo de Deus na terra (Dn 8,24), essa dupla dimensão do grande conflito aparece reafirmada mais uma vez no curso da profecia (Dn 11,31-35) e culmina no conteúdo do capítulo 12. Ali é informado que esse ataque de dupla dimensão só começaria a ter fim em dado momento da história, reafirmando-se, desta forma, que o que acontece no santuário do céu e o que acontece com o povo de Deus na terra está intimamente conectado. De diferentes maneiras, mas para o mesmo propósito, o santuário seria “purificado” (Dn 8,14), assim como “muitos serão purificados” (Dn 12,10). Assim, a ordem trazida do céu e comunicada sob juramento na direção do céu (Dn 12,7), teria seus desdobramentos inequívocos sobre o povo de Deus.

Em resumo, os cenários de ambas as visões (Dn 12 e Ap 10) indicam que, embora a mensagem primariamente se destine ao povo de Deus – representado/apresentado em Daniel pelos “que forem sábios” (Dn 12,3.10), e em João, pelos que experimentam o “amargo” do livro na busca por tal sabedoria (Ap 10,10) – sua proclamação deveria ser dada a “muitos [que] o esquadrinharão” (Dn 12,4), dentre os “muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11).

2.3. A forma/fórmula da revelação

Na sua aparição a João, o “anjo forte” se revela de forma convencional, embora utilizando-se de uma fórmula solene especial. Quanto à forma, Cristo lhe mostra cenas bem claras e profere palavras que lhe são compreensíveis, método que é usual no caso de revelação por meio de visões. Ocorre, entretanto, que o ponto central da visão é apresentado mediante uma fórmula solene de juramento (*ὀμνύω* – *omnyō*) feito com mão levantada “para o céu” e proferindo palavras “por aquele que vive... o mesmo que criou”, expediente nem sempre comum como parte das visões. João fica impressionado quando o mensageiro celestial “levantou a mão direita para o céu e jurou” (Ap 10,5b-6a). Entende estar diante de uma promessa solenemente feita mediante do testemunho do próprio ser divino.

Essa maneira de declarar algo indica: (1) a certeza do cumprimento em razão do vínculo entre o que é jurado e o próprio Deus que o cumprirá em razão de seu caráter fiel e íntegro (Mt 23,22); (2) a superioridade inigualável de Deus como o garantidor do juramento (Hb 6,13); e (3) a irrevogabilidade do juramento feito (Hb 7,21).

Essa forma/fórmula peculiar de juramento, mostrada a João (Ap 10,5-6), está diretamente conectada com algo similar que fora antes mostrado a Daniel (Dn 12,7). É dito por Daniel (Dn 12,7b) que o ser celestial que falava com ele “levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou” (עֲשָׂה).⁷ Há um detalhe, no entanto, que merece atenção e que marca o contraste entre os dois juramentos. No juramento feito a Deus diante de Daniel, o homem vestido de linho levanta ambas as mãos para o céu – “a mão direita e a esquerda” (Dn 12,7b), tendo como suas testemunhas⁸ “outros dois” (Dn 12,5) seres celestiais chamados de “santos” (Dn 8,13). Já no juramento feito a Deus diante de João, o anjo forte levanta apenas uma das mãos – “a mão direita” (Ap 10,5b). A razão disso é explicada em ambos os contextos imediatos de cada perícopo. No primeiro juramento, o anjo pôde levantar ambas as mãos porque não está segurando qualquer objeto. Já no segundo juramento, o anjo não está com as mãos vazias. Ele tem em uma delas um objeto que está diretamente relacionado com o juramento feito (Ap 10,2). Fica implícito, na visão de Apocalipse, que as testemunhas são o Pai e o Espírito (mencionados na seção de introdução em Ap 1,4-5); enquanto o contexto imediato informa também “os sete trovões” (Ap 10,3) e a voz “vinda do céu” (Ap 10,4) como testemunhas da visão.

⁷ Todos os usos linguísticos do hebraico foram baseados em James Swanson, *Dictionary of biblical languages with semantic domains: Hebrew (Old Testament)* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997), exceto quando indicado o contrário.

⁸ Sobre a presença de duas testemunhas nesse contexto de revelação, como cumprimento do simbolismo previsto em Dt 19,15, ver Zdravko Stefanovic, *Daniel: Wisdom to the wise; Commentary on the book of Daniel* (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2007), 442.

2.4. Conteúdo específico revelado (selado/desselado)

Embora o prólogo do livro de Apocalipse declare preliminarmente que a tônica do seu conteúdo é a revelação de Deus no tocante “as coisas que em breve devem acontecer” (Ap 1,1a), no capítulo 10, um novo elemento aparece em cena. Quando o anjo forte é descrito, o destaque é dado para algo que ele tinha em uma das mãos (Ap 10,2a), o que, no contexto da cena, parece ser o elemento focal. É dito que ele tinha consigo um “livrinho”, termo que é repetido por João quatro vezes no livro (Ap 10,2.8.9.10) e aparece relacionado a quatro destaques: (1) não é apenas um livro, rolo ou papiro (βιβλίον, Ap 10,8), mas um “livrinho” (βιβλαρίδιον, Ap 10,2.9.10), ou seja, uma porção menor ou específica desse tipo de escrito;⁹ (2) é visto na “mão” (χείρ) do anjo (Ap 10,2.8.10), indicando a razão e o propósito da cena; (3) encontra-se já “aberto” (do verbo ἀνοίγω, Ap 10,2.8) ou deselado para os padrões de escritos da época da visão e, por isso acessível ao leitor; e (4) deve ser tomado/recebido/aceito (λαμβάνω, Ap 10,8.9) e comido/devorado (κατεσθίω, Ap 10,9.10) no sentido de ser completamente consumido, apropriado, entendido.

Essa cena de um pequeno rolo com algo escrito, cuidadosa e propositalmente mostrado e segurado de forma aberta pelo mensageiro celestial, se conecta em detalhes paralelos – embora contrastantes – com a cena de Daniel 12. Ali o homem vestido de linho repete a uma mesma ordem: “encerra as palavras e sela o livro” (Dn 12,4a), e de novo, “estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim” (Dn 12,9). As ordens de “encerrar” (סַתֵּם) e “selar” (סַתֵּן), duplamente estabelecidas, indicam a solenidade e garantia/confirmação de que o conteúdo “destas” (זֵה) “palavras” (דְּבָרִים) do “livro” de fato permaneceria inacessível para compreensão, conforme estabelecido por ordem divina (cf. Jó 33,16; Is 29,11; Jr 32,11.14, textos em que os mesmos termos são usados para indicar a relação inseparável entre selamento/abertura).

⁹ Acerca das similaridades e diferenças entre este livrinho e o rolo mencionado em 5,2, ver Kenneth Mathews Jr., *Revelation reveals Jesus: An explanation of the Greek text and application of the symbolism therein* (Greenville, SC: Second Coming Publishing, 2012), 502.

Digno de nota é o fato de que o selamento se daria quanto a uma parte do conteúdo/mensagem e não ao seu todo. O uso do artigo definido (ἡ), corretamente traduzido como “estas” em seu contexto, lembra que a porção selada está relacionada com a dúvida de Daniel expressa antes (Dn 12,8) como reação à visão final dada a ele (Dn 10,1-12,13). Portanto, o selamento da mensagem não alcança todas as visões dadas a Daniel, e tampouco abarca toda a visão final (Dn 10-12), mas sim uma parte específica desta visão que não estava clara e nem ficaria, senão no tempo e na forma preditos. A semelhança entre as visões (Dn 12; Ap 10), no entanto, é notória. Tanto a Daniel quanto a João são dadas ordens envolvendo uma parte específica de um livro. Até mesmo o contraste, por óbvio, confirma a relação de continuidade entre as visões. A um é ordenado selar, a outro é mostrado o desselamento, sem o qual o livrinho não poderia estar aberto na mão do anjo.

2.5. Os componentes de tempo relacionados à revelação

Os indicadores de tempo fazem parte do contexto geral do livro de Apocalipse. Desde o prólogo, é dito que seu conteúdo diz respeito às realidades que “em breve” ocorreriam e que “o tempo está próximo” (Ap 1,1.4). Essa tônica, nitidamente escatológica, aparece nas três grandes profecias do livro. Na profecia das sete igrejas é dito “venho sem demora” (Ap 3,11); na profecia dos sete selos é perguntado “até quando” e respondido que “ainda por pouco tempo” (Ap 6,10-11); e na profecia das sete trombetas há vários períodos de tempo específicos, descritos como “a hora, o dia, o mês e o ano” (Ap 9,15). No contexto mais imediato à cena de Apocalipse 10, há pelo menos quatro elementos de tempo: (1) “já não haverá demora [χρόνος]” (Ap 10,6c); (2) “nos dias [ἡμέραις] da voz do sétimo anjo” (Ap 10,7a); (3) “por mil, duzentos e sessenta dias [ἡμέρας]” (Ap 11,3); e (4) “por três dias [ἡμέρας] e meio” (Ap 11,9.11). Todos esses marcadores aparecem em contextos altamente simbólicos e por isso reivindicam ser entendidas à luz do princípio dia-ano (Nm 14,34; Ez 4,6).

Além disso, o primeiro elemento de tempo (1) apresenta conexão perceptível com os demais marcadores mencionados subsequentemente em

Apocalipse (itens 2, 3, 4). A primeira ocorrência de “dias” [ἡμέρας – *hēméras*] está relacionada aos dias da voz do sétimo anjo (Ap 10,7), que segundo o próprio contexto (Ap 11,15), alude ao período imediatamente antecedente à *parousia*, quando finalmente se cumpre “o mistério de Deus”, a pregação final do evangelho (Rm 16,25-27; Ef 3,3-7). A segunda menção trata do período de mil, duzentos e sessenta dias em que as “duas testemunhas” (oliveiras e candeeiros) profetizaram vestidas de pano de saco (Ap 11,3). Tal período é correspondente ao indicado como “um tempo, tempos e metade de um tempo” (Ap 12,14) – no qual a mulher perseguida é sustentada por Deus no deserto –; e também ao período de “quarenta e dois meses” (Ap 13,5-7) – em que a besta (θηρίον) do mar peleja contra Deus, contra seu tabernáculo e contra os santos. Evidencia se tratar, portanto, de ocorrências concomitantes no mesmo período. A terceira menção a “dias” (Ap 11,9,11) trata do período menor em que as duas testemunhas permaneceriam “assassinadas [ἀποκτείνω]” e com “cadáveres [πτῶμα]” expostos, em determinado local e em razão da obra da besta (θηρίον) do abismo (Ap 11,7), período ao final do qual receberiam “espírito de vida” (Ap 11,11).

Além das consideráveis ligações subsequentes já apontadas, o primeiro elemento de tempo expresso na declaração do “anjo forte” resgata também um importante precedente profético no Antigo Testamento. Essa mesma forma de expressão – “tempo” [χρόνος] (LXX) – aparece com seu equivalente na última visão de Daniel, inclusive com alusão à mesma quantidade de tempo (1 + 2 + ½). Ali o homem vestido de linho ordena que o livro fosse selado “até ao tempo [טַעַם] do fim [פֶּסַח]” (Dn 12,4a.9); e esclarece, quanto a seu desselamento, que “isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo [דְּמֵי מָוֶה]” (Dn 12,7c). A evidência da conexão intra-bíblica é notória. A cena do capítulo 10 de Apocalipse é uma retomada profética – teologicamente intencional e historicamente programada – da ordem de selamento/desselamento de Daniel 12, com a confirmação de seu cumprimento escatológico. O que fora selado no tempo de Daniel, e que somente seria conhecido após decorrido o período estabelecido de 3 e ½ tempos proféticos, seria então retomado com a chegada do tempo do fim, período em que o propósito pretendido por Deus com a mensagem selada seria finalmente cumprido.

2.6. O propósito peculiar da revelação

O livro de Apocalipse começa, em seu prólogo (Ap 1,1-3), com uma sequência que envolve: (1) uma declaração de que se trata de “revelação” (ἀποκάλυψις), seguida pela (2) identificação do revelador (Deus, Jesus Cristo, e mais adiante os sete Espíritos), finalizando-se com (3) uma sequência que mostra como se deu a referida revelação e um prenúncio de seu conteúdo. Essa sequência revelação-revelador-revelado parece se repetir na cena dos capítulos 10-11. No contexto do “livrinho aberto” (βιβλαρίδιον ἡνεωγμένον), que é o ponto focal da cena, há (1) a menção de que se trata de uma visão (Ap 10,1a); seguida (2) pela identificação dos personagens envolvidos na revelação – “anjo forte”, “sete trovões”, “uma voz do céu” (Ap 10,1b-4) – por fim seguidas pelo conteúdo revelado, que inclui um juramento (Ap 10,5-7) e uma sucessão de ordens (Ap 10,8-11,2). Essa sequência de elementos teológicos, combinada com os marcadores de tempo já mencionados no item 2.5, aponta para etapas que vão se desdobrando na predição profética, todas elas predizendo eventos relacionados ao “livrinho aberto”.

Assim, o Revelador

“e bradou”		[o anjo forte]
“e desferiram”		[os sete trovões]
	“guarda em segredo”	[uma voz do céu]
“e jurou”		[o anjo forte]
	“não haverá demora”	[o anjo forte]
“e dizendo”		[avoz...vindado céu]
	“vai e toma o livro”	[avoz...vindado céu]
“falou”		[o anjo forte]
	“toma-o e devora-o”	[o anjo forte]
“disseram”		[ambos ou todos]
	“ainda profetizes”	[ambos ou todos]
“foi dito		[ambos ou todos]
	“dispõe-te e mede”	[ambos ou todos]
	“não o meças”	[ambos ou todos]

Conforme se nota, o fato de o livrinho aparecer aberto, é acompanhado imediatamente por um “brado em grande voz” desferido pelo anjo forte, a cuja voz se juntaram as “próprias vozes” dos sete trovões (βροντή, Ap 10,3). Ao que parece, se trata também de seres celestiais, pois além de serem chamados de trovões (Ap 4,5; 8,5; 11,19; 16,18; 19,6), e além de falarem em harmonia/seguimento com a voz do anjo forte, esses seres fazem uma revelação a João. Essa revelação, embora tenha sido entendida pelo profeta, não pôde ser escrita e assim dada a conhecer por meio dele, proibição essa que foi dada por ordem “de uma voz do céu” (Ap 10,4). O conteúdo narrado evidencia fortemente se tratar de uma revelação que foi feita a João contextualmente relacionada ao livrinho aberto, embora expressamente proibida de ser compartilhada naquele momento da história. Entende-se que “não era uma revelação para o povo dos dias de João”.¹⁰

Na sequência, há um juramento (ὄμνύω), uma maneira formal/judicial de declarar algo (Gn 14,22-23; Dt 32,40; Ez 20,15; Dn 12,7). Tal juramento é feito “por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe” (Ap 10,6b). Essa fórmula, além de vindicar a autoridade de Deus para garantia do que está sendo dito, de maneira intencional e expressiva identifica quem é o Deus que detém tal autoridade. Ele é o criador, assim reconhecido pelo uso da mesma fórmula teológica que aparece no quarto mandamento do decálogo (Êx 20,11). Essa fraseologia aparece antes na letra do hino cantado diante do trono em homenagem à divindade tri-na (Ap 4,11), e mais adiante na identificação da mensagem central a ser pregada no contexto escatológico (Ap 14,7). Além de vindicar a Deus dessa forma, o juramento do anjo forte também confirma que não há mais “tempo” [χρόνος], conforme mencionado em 2.5. Isso indica que o tempo, previsto no âmbito das profecias relacionadas ao livrinho, estaria

¹⁰ Francis D. Nichol e Vanderlei Dorneles, eds., *Comentário bíblico adventista do sétimo sia*, vol. 7 (Tatuí, BR: Casa Publicadora Brasileira, 2014), 883.

cumprido, não havendo mais predição de tempo específico (cronologia exata) a se cumprir depois disto.¹¹

Ante a mostra de que livrinho está aberto (desselado) e a garantia de que não há mais “tempo” – ou seja, é chegado o tempo do fim –, segue-se as duas ordens iniciais. A primeira, proferida pela “voz vinda do céu” (Ap 10,8, *cf.* 10,4), ordena “vai e toma o livro”; a segunda, proferida pelo próprio anjo forte (Ap 10,9b), ordena “toma-o e devora-o”. Os conteúdos das ordens parecem sinalizar duas etapas. Na primeira, a voz do céu encaminha João ao anjo forte para pedir-lhe o livro (Ap 10,8). E na segunda, o próprio anjo forte entrega o livro a João e lhe ordena: “devora-o” (Ap 10,9b), o que sinaliza a intensidade proposital com que seria comido por João. Esta maneira de tratar o livro está relacionada com uma compreensão mais ampla de seu conteúdo (Ez 3,1-3; Jr 15,16). O anjo forte prediz que o livro seria ao mesmo tempo “doce” (γλυκύς) na boca e “amargo” (do verbo πικραίνω) no estômago de João (Ap 10,10), confirmando-se a seguir que essa experiência agridoce foi proporcional à intensidade com que o livro foi devorado.

A partir desse ponto, são dadas duas novas ordens a João. O detalhe é que as duas são agora proferidas por mais de uma pessoa. João menciona: “então me disseram [καὶ λέγουσίν μοι]” (Ap 10,11), indicando o plural de quem disse (verbo λέγω no plural). Contextualmente, há aqui algumas possibilidades. A ordem pode ter sido dada conjuntamente por ambos os personagens já citados no contexto imediato – a voz do céu e o anjo forte – ou mesmo por esses dois e mais um, nesse caso considerando-se a possibilidade de ter se juntado a eles os sete trovões. Ou ainda, de acordo com o contexto mais amplo do livro, a ordem pode ter sido dada pelos três personagens que aparecem no prólogo e introdução do livro – Deus, Jesus Cristo, os sete Espíritos (*cf.* Ap 1,1-5). Se a segunda tríade corresponde ou não à primeira, é um assunto ainda a ser estudado. A importância da ordem, no entanto, justifica a participação do Deus trino em seu comando. É ordenado a João, de forma imperativa e em resposta à experiência amarga, que “é necessário que ainda profetizes” (Ap 10,11).

¹¹ C. Marvyn Maxwell, *God cares: The message of revelation for you and your family* (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 1985), 279.

O termo “ainda” indica que a ordem de profetizar, dada a João, tem como objeto direto o mesmo conteúdo do livrinho que lhe causara a experiência amarga. E a razão é clara: em razão de tal experiência, “é necessário” (Δεῖ) ainda profetizar (πάλιν προφητεῦσαι). A ordem seguinte vem na sequência e, ao que parece, também foi dada em consórcio pela divindade (Ap 11,1-2). É dado a João “um caniço [κάλαμος] semelhante a uma vara [ῥάβδος]” e se menciona que “também me foi dito”. O uso da partícula “também” na tradução da passagem indica que essa ordem é apresentada no texto como tendo sido dada na sequência – como complemento – da anterior e pelos mesmos seres celestiais.

Essa última ordem também está relacionada a juízo e tem caráter duplo. “Dispõe-te e mede...e não meças” (Ap 11,1-2). O juízo fica evidente na prescrição de que João use o caniço/vara (cf. Ez 40,3.6; Zc 2,1-2) para “medir o santuário de Deus [τὸν ναὸν τοῦ θεοῦ], o seu altar e os que naquele adoram [προσκυνέω]” (Ap 11,1). Contudo, deve deixar de parte o átrio exterior, por ser o local de acesso dos “gentios [ἔθνεσιν]”. Digno de nota é o fato de que, na época que João teve a visão (última década do 1º século), já não existia mais o santuário hebreu em Jerusalém. Isso indica que, tanto o santuário (ναός) mencionado quanto a obra de juízo predita, só podem dizer respeito ao santuário de Deus no céu (cf. Ap 3,12; 7,15; 11,19; 14,15.17; 15,5-6.8; 16,1.17). Embora as imagens rituais sejam descritas com detalhes que aludem ao santuário de Jerusalém, antes conhecido pessoalmente por João, a visão que lhe é dada o eleva às realidades análogas correspondentes que existem no santuário do céu. A obra ali realizada, como o próprio texto indica, tem caráter duplo: vindicatório ao justo (os que “adoram”) e retributivo ao ímpio (“os gentios”), tema que seria retomado por João mais adiante no cap. 20 do mesmo livro. Conforme se nota, portanto, as quatro ordens dadas na cena de Apocalipse 10-11 dizem respeito ao livrinho. Estão conectadas e se desdobram a partir de sua abertura. Uma vez que ele aparece aberto, deve ser abordado (“vai e toma”), devorado (“toma-o e devora-o”), retomado (“é necessário que ainda”), proclamado mediante orientação profética (“profetizes”), com destaque e em razão da obra de juízo que ocorre no santuário de Deus (“dispõe-te e mede”).

É importante notar que a mesma sequência – revelação-revelador-revelado – que estrutura os elementos acima descritos aparece também em Daniel (cap. 12). Os elementos teológicos focais ali apresentados – ainda que de forma embrionária – guardam destacável conexão com os elementos mais amplos revelados depois a João (Ap 10-11). No contexto do “livro selado” (Dn 12,4), que é o ponto focal da cena, há (1) uma pergunta (Dn 12,6), seguida por (2) um juramento (Dn 12,7b), seguido ainda por (3) uma sucessão de ordens (Dn 12,9-13). Primeiro, um dos dois seres celestiais faz uma pergunta ao homem vestido de linho, indicando que a combinação pergunta-resposta se trata de revelação do céu a Daniel. A iniciativa da pergunta e o caráter preditivo da resposta são atos dos seres celestiais e nesse cenário, o profeta, a princípio, apenas vê e ouve (Dn 12,5a.7a). Depois de assim identificar “os dois” seres celestiais (Dn 12,5a; cf. 8,13) e o “homem vestido de linho” (Dn 12,6a; cf. 10,5) como protagonistas da revelação, Daniel menciona que este último fez um juramento solene “por aquele que vive eternamente” (Dn 12,7b). Com esse gesto, o juramento solene identifica e vindica a Deus como o garantidor. Em seguida, o revelador confirma que o livro permaneceria selado durante 3 e ½ tempos (Dn 12,7c) e prediz uma sequência de ordens que se cumpririam “depois” disso, já no “tempo do fim” (Dn 12,4.9), “quando se acabar a destruição do poder do povo santo” (Dn 12,7d).

Essas conexões, estruturais e textuais, entre as revelações dadas a Daniel e João, sugerem que as ordens proféticas sequenciais dadas a Daniel se consumam mediante o cumprimento das ordens escatológicas contrastantes apresentadas a João:

A Daniel é dito “vai”... “encerra as palavras e sela o livro” (Dn 12,9a; c/c 12,4a);

a João é dito “vai e toma o livro” (Ap 11,8b).

A Daniel é dito “estas palavras estão encerradas e seladas” (Dn 12,9b);

a João é dito “toma-o e devora-o” (Ap 10,9b).

A Daniel é dito “segue o teu caminho... descansarás... te levantarás...” (Dn 12,13);

a João é dito “ainda profetizes” (Ap 10,11).

A Daniel é dito “os sábios entenderão” e não “os perversos” (Dn 12,10);

a João é dito “dispõe-te e mede” e “não meças” (Ap 11,1-2).

As ordens dadas a Daniel são retomadas nas ordens dadas a João. O cumprimento das últimas representa a consumação escatológica das primeiras. Assim, as ordens em João revertem a interrupção causada pelo selamento de parte da mensagem profética em Daniel, permitindo que ela seja retomada, entendida, cumprida. Resta, portanto, recapitular quais seriam os efeitos identificáveis de tal abertura, conforme mostrada em ambas as profecias.

2.7. Os efeitos da revelação

É bastante evidente que, após a cena do “livrinho aberto” (*βιβλαρίδιον ἠνεωγμένον*) e as ordens dadas a João como desdobramentos disso, é também explicado ao profeta quais são os efeitos finais dessa sequência de eventos. No contexto da última ordem, para tomar um “caniço/vara” e medir, há duas revelações apresentadas a João como continuidade da mesma cena profética:

“também me foi dito”...

(1) “dispõe-te e mede”

(2) “não o meças”

(2a) “porque

(2a) “foi dado aos gentios”

(2a) “por 42 meses calçarão”

(2a) “por 1260 dias... pano de saco”

(2a) “por 3 e ½ dias... cadáveres”

A evidência textual desse novo e final elemento profético pode ser notada no detalhe apresentado a João ao final dessa última ordem a ele dada. O “átrio exterior” do santuário de Deus, “dado aos gentios”, ainda não deveria ser medido como parte da última ordem, em razão da obra realizada por esses gentios. Primeiro, é revelado que eles “por quarenta e dois meses calcarão aos pés a cidade santa” (Ap 11,2c), e o que segue a isso é que “darei às minhas duas testemunhas [δυσὶν μάρτυσίν] que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco” (Ap 11,3). É mencionado que isso ocorre porque “alguém pretende causar-lhes dano” (Ap 11,5). O fato de a intenção ser a mesma (causar “dano” – do verbo grego ἀδικέω – ferir, prejudicar, fazer o mal, enganar, injuriar), os períodos serem equivalentes (1260 dias-ano), e a obra realizada ter o mesmo resultado (“pano de saco” – no grego σάκκος – luto, pranto, tristeza, aflição, desolação), indicam se tratar da mesma tentativa de “difamar o nome e difamar o tabernáculo [σκηνή]” de Deus (Ap 13,6), por meio do ataque à sua Palavra, aqui representada pelos “dois profetas” (Ap 11,10b). Mais adiante, então, é confirmado a João se tratar da obra realizada pela “besta [θηρίον]” que emergiu do mar (Ap 13,1a), que, agindo por “quarenta e dois meses” (Ap 13,5b), alcançaria “autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação” (Ap 13,7b).

Outra obra, porém, é revelada na sequência do capítulo 11. Descrita com uso de um forte marcador de tempo, é dito que “quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar” (Ap 11,7a). Essa fraseologia remete à menção anterior quanto ao tempo e condição das duas testemunhas sob ataque dos gentios (*cf.* Ap 11,3). Indica que, ao final dos 1260 dias proféticos, seria concluído o período de testemunho com “pano de saco”. Entretanto, outro tipo de “gentios” entra em cena. É dito que “a besta [θηρίον] que surge do abismo [ἄβυσσος], pelejará contra elas [as duas testemunhas], e as vencerá, e matará” (Ap 11,7b). Ao passo que a obra da “besta do mar” é caracterizada com a pretensão de “causar-lhes danos” (Ap 11,2-6), a obra da “besta do abismo” é caracterizada por conseguir “matar” as duas testemunhas e se “alegrar” com isso (Ap 11,7-10), por um período específico de 3 e ½ dias proféticos, num lugar também específico chamado de “grande cidade” (Ap 11,8). Como resultado, “muitos dentre

os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por 3 e ½ dias, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados” (Ap 11,9).

Entretanto, a partir deste ponto do relato da cena, há uma espécie de reversão da obra de ambas as bestas [θηρίων] – do mar e do abismo. Um outro marcador de tempo, apresentado num contexto de uma cláusula adversativa, sinaliza isso. É dito: “Mas, depois dos 3 e ½ dias” (Ap 11,11a), ou seja, depois dos três anos e meio do período inicial e mais intenso da obra da besta do abismo, três ações de Deus reavivam suas duas testemunhas/profetas: (1) “um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés” (Ap 11,11b); (2) “ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem” (Ap 11,12); e, concomitantemente, (3) há um “grande terremoto” que resulta ao mesmo tempo na morte de “sete mil pessoas” enquanto “outras... deram glória ao Deus do céu” (Ap 11,13). Essa sequência mostra a providência de Deus, (1) “nas” testemunhas, (2) “por” elas, e (3) “através delas”. Elas são assim simbolicamente ressuscitadas, revertendo-se totalmente os danos (causados pela besta do mar) e a morte circunstanciada (causada pela besta do abismo).

A questão que merece destaque, no entanto, é a forma como a cena é descrita por João. O texto desdobra que essa reversão, provida por Deus em favor de suas duas testemunhas, é efeito ou resultado do cumprimento das ordens antes dadas por Ele mesmo. A realização obediente dessas ordens prévias, de tomar e devorar o livrinho (Ap 10,8b.9b), de ainda profetizar acerca dele (Ap 10,11), bem como medir “o santuário de Deus [τὸν ναὸν τοῦ θεοῦ]” (Ap 11,1), por parte de João, é apresentado como o meio designado pelo revelador para reverter o cenário de ataque à sua Palavra. Isso denota que as ordens são dadas para serem cumpridas num momento da história em que as testemunhas já foram danificadas e mortas – circunstancial e simbolicamente –, sendo por isso “necessário [Δεῖ]” (Ap 10,11) sua restauração por meio de ações intencionais baseadas no “livrinho aberto [βιβλαρίδιον ἡνεωγμένον]” (Ap 10,2). Não por acaso é mencionado expressamente que o cumprimento da

ordem de “ainda profetizar” é “a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11). Acerca dessa fraseologia, note a conexão:

Obra da besta do mar tem...

... ἐξουσία ἐπὶ πᾶσαν φυλὴν καὶ λαὸν καὶ γλῶσσαν καὶ ἔθνος

... “autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação” (Ap 13,7b).

Obra da besta da terra, em apoio à besta do mar...

... καὶ πλανᾷ τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς

... “seduz os que habitam sobre a terra” (Ap 13,14a).

Obra da besta do abismo é vista por...

... καὶ βλέπουσιν ἐκ τῶν λαῶν καὶ φυλῶν καὶ γλωσσῶν καὶ ἔθνῶν

... “muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações” (Ap 11,9a).

Obra de João deve ser...

... προφητεύσει ἐπὶ λαοὺς καὶ ἔθνη σιν καὶ γλώσσας καὶ βασιλεῦσιν πολλοῖς

... “a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11).

Conforme o texto indica, portanto, essa obra de alcance global se daria por meio da abertura do livrinho e do cumprimento da ordem de “ainda profetizar [πάλιν προφητεύσαι]” sobre seu conteúdo. Esse cenário se conecta diretamente com as predições dadas a Daniel, pois ali é dito que ao chegar o tempo do fim, “muitos [רַבִּים] o esquadrinharão, e o saber se multiplicará” (Dn 12,4b; *cf.* “muitos” mencionado em 12,2). Nesse tempo, com base no conteúdo desselado do livro, “muitos [רַבִּים] serão purificados, embranquecidos e provados” (Dn 12,10a), ao passo que “os perversos [רַשָּׁעִים] procederão perversamente” (Dn 12,10b). Como não poderia deixar de ser, apenas “os sábios [חֲכָמִים] entenderão” (Dn 12,10c). E como protótipo profético desse tipo de fiéis, é dito a Daniel que ele morreria, mas que ao final “te levantarás para receber tua herança [לְרִיגָה]” (Dn 12,13b; *cf.* 12,2).

3. Daniel 12 e Apocalipse 10 – Conexão profética

3.1. Tabela comparativa

Elementos teológicos	Daniel 12	Apocalipse 10-11
O agente revelador (quem)	“homem vestido de linho” (Dn 12,6a cf: 10,5-6)	“anjo forte” (Ap 10,1)
Os destinatários (a quem)	“Tu, porém, Daniel...” (Dn 12,4a) “sobre as águas do rio” (Dn 12,6a.7a)	“de novo falando comigo” (Ap 10,8a) “sobre o mar... e sobre a terra... bradou com grande voz” (Ap 10,2b.3-4) “a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11; c/c 11,9)
A forma/fórmula (como)	“levantou a mão direita e a esquerda para o céu e jurou” (Dn 12,7b) “outros dois, um de um lado do rio, outro do outro lado” (Dn 12,5)	“levantou a mão direita para o céu e jurou” (Ap 10,5b.6a) “me disseram” [plural] (Ap 10,11a)
O conteúdo específico (o quê)	“encerra as palavras e sela o livro” (Dn 12,4a) “estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim” (Dn 12,9)	“tinha na mão um livrinho aberto” (Ap 10,2a)
Os componentes de tempo (quando)	“até ao tempo do fim” (Dn 12,4a.9) “isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 12,7c)	“já não haverá demora [tempo]” (Ap 10,6c) “nos dias da voz do sétimo anjo” (Ap 10,7a) “por mil, duzentos e sessenta dias” (Ap 11,3) “três dias e meio” (Ap 11,9.11)

O propósito peculiar (para quê)	<p>“por aquele que vive eternamente”(Dn 12,7b)</p> <p>“acabar a destruição do poder do povo santo” (Dn 12,7d)</p>	<p>“por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe” (Ap 10,6b)</p> <p>“Vai e toma o livro” (Ap 10,8b)</p> <p>“Toma-o e devora-o” (Ap 10,9b)</p> <p>“É necessário que ainda profetizes” (Ap 10,11)</p> <p>“Dispõe-te e mede... e não meças” (Ap 11,1-2)</p>
Os efeitos da revelação (por quê)	<p>“muitos o esquadriharão” (Dn 12,4b)</p> <p>“muitos serão purificados, embranquecidos e provados” (Dn 12,10a)</p> <p>“os perversos procederão perversamente”(- Dn 12,10b)</p> <p>“os sábios entenderam” (Dn 12,10c)</p> <p>“te levantarás para receber tua herança” (Dn 12,13b)</p>	<p>“são estas as duas oliveiras e os dois candeeiros” (Ap 11,3)</p> <p>“duas testemunhas... vestidas de pano de saco” (Ap 11,3)</p> <p>“pelejará contra elas, e as vencerá, e matará” (Ap 11,7)</p> <p>“as duas testemunhas... subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram” (Ap 11,12)</p> <p>“as outras... deram glória ao Deus do céu”(Ap 11,13c)</p>
Remanescentes	“os sábios” (Dn 12,3.10)	“os que adoram” (Ap 11,1b)

3.2. O remanescente no “tempo do fim”

À luz do viés bíblico-historicista, os pioneiros adventistas, baseando-se nas evidências antes examinadas e em outras tantas notadas na relação entre Daniel-Apocalipse, reconheceram no movimento adventista e seus desdobramentos a identificação do remanescente no tempo do fim. Os “sábios” (Dn 12,3.10) e “os que naquele [altar e santuário] adoram”

(Ap 11,1b) constituem o remanescente escatológico de Deus, identificável no início do tempo do fim e cuja obra se completa no fim do tempo do fim. Sua identificação, no entanto, foi desde cedo baseada nos fatos históricos relacionados às predições proféticas examinadas na relação Daniel (12)-Apocalipse (10). Algumas dessas identificações podem ser recapituladas em Ellen G. White.

A conexão entre Daniel e Apocalipse:

O Apocalipse é o suplemento de Daniel.¹²

Os livros de Daniel e Apocalipse são um. Um é a profecia; o outro, a revelação; um é o livro selado, o outro, o livro aberto.¹³

Daniel, o profeta de Deus, seguiu seu caminho. João seguiu seu caminho. No Apocalipse, o Leão da tribo de Judá abriu aos estudantes da profecia o livro de Daniel, e assim Daniel segue seu caminho até o fim. Apresenta seu testemunho, aquele testemunho que o Senhor lhe revelou em visão, sobre os grandes e solenes eventos que devemos conhecer ao estarmos justamente no limiar de seu cumprimento.¹⁴

O “anjo forte”:

O poderoso Anjo que instruiu a João não era ninguém menos que Jesus Cristo.¹⁵

A posição do “anjo forte”:

Colocando Seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra seca, mostra a parte que está desempenhando nas cenas finais do grande conflito com Satanás. Essa posição denota Seu supremo poder e autoridade sobre toda a Terra.¹⁶

¹² Ellen G. White, “Manuscrito 32”, 1896, parágrafo 38, acessado em 13 fev. 2023, https://legacy.egwwritings.org/?ref=en_Ms32-1896¶=5337.6.

¹³ Ellen G. White, *Cristo triunfante* (Tatuí, BR: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 380.4.

¹⁴ *Ibid.*, 376.1.

¹⁵ *Ibid.*, 380.2.

¹⁶ *Ibid.*

A posição do Anjo, com um pé sobre o mar e outro sobre a terra, significa a ampla extensão da proclamação da mensagem. Atravessará a vastidão das águas e será proclamada em outros países, chegando ao mundo inteiro.¹⁷

O “livrinho aberto” (1798):

O livro que foi selado não era o livro de Apocalipse, mas aquela porção da profecia de Daniel que se relacionava com os últimos dias. A Escritura diz: ‘Mas tu, ó Daniel, fecha as palavras e sela o livro até o fim do tempo; muitos correrão de um lado para o outro, e o conhecimento se multiplicará.’ [Daniel 12:4.] Quando o livro foi aberto, a proclamação foi feita: “Não haverá mais tempo”. [Apocalipse 10:6].¹⁸

A abertura do livrinho foi a mensagem relacionada com o tempo.¹⁹

As palavras do anjo a Daniel, com relação aos últimos dias, deviam ser compreendidas no tempo do fim.²⁰

As “vozes dos sete trovões” (1842-1844):

A luz especial dada a João, expressa nos setes trovões, foi a descrição dos eventos que ocorreriam sob a primeira e segunda mensagens angélicas. ... A primeira e segunda mensagens angélicas deviam ser proclamadas, mas nenhuma luz adicional foi revelada antes que essas mensagens tivessem realizado sua obra específica.²¹

Depois de se haverem pronunciado os sete trovões, vem a instrução a João, assim como a Daniel, a respeito do livrinho: “Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram”. Apocalipse 10:4.²²

¹⁷ Ibid., 380.6.

¹⁸ Ellen G. White, “Manuscrito 32”, 1896, parágrafo 3, acessado em 13 fev. 2023, https://legacy.egwwritings.org/?ref=en_Ms32-1896¶=5337.6.

¹⁹ White, *Cristo triunfante*, 380.3.

²⁰ Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 22ª ed. (Tatuí, BR: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 187.

²¹ White, *Cristo triunfante*, 380.4.

²² Ibid., 380.3.

O juramento do “anjo forte” (22.10.1844):

“Já não haverá demora”. Apocalipse 10:6. Essa mensagem anuncia o fim dos períodos proféticos.²³

Esse tempo, que o Anjo mencionou com solene juramento, não é o fim da história deste mundo, nem do tempo de graça, mas do tempo profético, que precederia o advento de nosso Senhor. Ou seja, o povo não terá outra mensagem com tempo definido. Após o fim desse período de tempo, que vai de 1842 a 1844, não pode haver um traçado definido de tempo profético. O mais longo cômputo chega ao outono de 1844.²⁴

A ordem para “comer o livrinho”:

A compreensão da verdade, o alegre recebimento da mensagem, são representados pelo comer do livrinho. A verdade acerca do tempo do advento de nosso Senhor foi uma preciosa mensagem para nossa alma.²⁵

A experiência “amarga” (22.10.1844):

O desapontamento daqueles que esperavam ver nosso Senhor em 1844 foi realmente amargo para os que haviam tão ardentemente aguardado Seu aparecimento. Estava no plano de Deus que viesse o desapontamento e que se revelassem os corações.²⁶

A ordem que “ainda profetizes” (22.10.1844 em diante):

João vê o livrinho aberto. [...] Então as profecias de Daniel têm seu devido lugar na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas a serem dadas ao mundo.²⁷

Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boa, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Apocalipse 10:10, 11. Na história e profecia, a Palavra de Deus retrata o longo e contínuo conflito entre a verdade e o erro. Esse conflito ainda prossegue. As coisas que foram, repetir-se-ão. Antigas controvérsias reviverão e novas teorias estarão continuamente surgindo. Mas o povo de Deus, que em sua crença no cumprimento da profecia desempenhou uma parte na proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens

²³ Ibid., 375.3.

²⁴ Ibid., 380.5.

²⁵ Ibid., 380.6.

²⁶ Ibid., 375.3.

²⁷ Ibid., 380.3.

angélicas, sabe onde se encontra. [...] Deve permanecer firme como uma rocha, mantendo sua confiança inabalável até o fim. Um poder transformador acompanhou a proclamação da primeira e segunda mensagens angélicas, assim como acompanha a mensagem do terceiro anjo.²⁸

A ordem para “medir” o “santuário de Deus” (22.10.1844 em diante):

O grande julgamento está ocorrendo e está acontecendo há algum tempo. Agora o Senhor diz: Meça o templo e seus adoradores. [Apocalipse 11:1].²⁹

4. Considerações finais

Como visto, o capítulo 10 de Apocalipse se encontra num contexto peculiar dentro da estrutura do livro. Junto com a primeira parte do capítulo 11, figura como um interlúdio profético entre a sexta e a sétima trombetas, cujo propósito é identificar o remanescente e indicar seu papel durante o tempo do fim. Com base na observação dos principais elementos teológicos e das características apresentadas na perícope, constatou-se que o agente revelador da visão, o anjo forte, é Cristo glorificado, que anteriormente havia se revelado de forma bastante similar ao profeta Daniel, mas em sua forma pré-encarnada. O fato de o próprio Deus se encarregar de transmitir a mensagem aponta para sua crucial importância no âmbito dos últimos eventos.

Viu-se também que os destinatários da revelação de todo o Apocalipse são os fiéis servos de Deus, os quais o próprio João representa no capítulo 10. Entretanto, foi lembrado que a mensagem a eles revelada também tem uma destinação secundária “aos muitos povos, nações, línguas e reis” (Ap 10,11). Em Daniel 12, de forma similar, os sábios aparecem como receptores de uma mensagem que igualmente extrapola o âmbito do povo de Deus. Outro elemento teológico marcante da visão é a forma como a mensagem em questão fora transmitida. O ponto central da visão é apresentado pelo agente revelador mediante um juramento solene feito com uma mão erguida ao Céu, conferindo certeza de cumprimento e

²⁸ Ibid., 376.3.

²⁹ Ellen G. White, “Manuscrito 4”, 1888, parágrafo 21, acessado em 13 fev. 2023, https://legacy.egwritings.org/?ref=en_Ms4-1888¶=3978.24.

irrevogabilidade de seu conteúdo, devido ao fato de ser feito por Deus. Em Daniel 12, o homem vestido de linho faz um juramento muito semelhante, mas com as duas mãos levantadas para o céu, indicando, assim, que ambas estavam vazias. Em Apocalipse 10, por outro lado, o anjo forte é visto por João segurando um livrinho aberto, motivo pelo qual levanta apenas uma das mãos.

O livrinho aberto parece ocupar o centro da visão. O termo grego empregado para designá-lo (*βιβλαρίδιον*) aponta para o fato de tratar-se de uma porção ou parte de um escrito. A ênfase em sua abertura indica que esteve fechado/selado e, por isso, indisponível à compreensão – que na cena em questão é obtida por João quando ele ingere/internaliza o livrinho. E esse é mais um elemento que conecta o capítulo 10 de Apocalipse ao capítulo 12 de Daniel, no qual o profeta é orientado a encerrar e selar uma porção de seu livro, com a justificativa de que a parte do conteúdo, por ele incompreendido, destinava-se a dias ainda distantes. Os dois profetas recebem ordens contrastantes, porém, complementares. João recebeu o comando para desselar o que Daniel recebeu a ordem para selar.

Assim, a seção iniciada em Apocalipse 10 é a continuação/consumação da visão de Daniel 12, e o efeito da abertura do livrinho é o início de uma obra de alcance global, ligada à ordem de ainda profetizar a respeito de muitos povos nações, línguas e reis (Ap 10,11), a qual, por seu turno, está conectada ao anúncio do mensageiro celestial em Daniel 12,4: “muitos o [o livrinho] esquadrinharão, e o saber se multiplicará”. É dito que o conhecimento provindo do conteúdo presente no livrinho desselado teria um resultado positivo na vida dos sábios – aqueles que obterão a compreensão da mensagem: “muitos serão purificados, embranquecidos e provados” (Dn 12,10a). Como visto, foi à luz do entendimento dessas evidências bíblico-históricas que os pioneiros adventistas reconheceram no movimento adventista do sétimo dia o remanescente no tempo do fim.